

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

SUMMARIO: — QUESTÕES ACTUAES: *Obras de Dom Bosco*—DOCUMENTOS PONTIFICIOS: *Carta Encyclica de Sua Santidade Pio X* (continuação)—FASTOS DA EGREJA: *S. Gregorio Magno*—CONTROVERSIAS: *Jesuitas e Liberaes*, (continuação) por Um Catholico—LITTERATU-

RA: *O Cruzeiro de Villa Viçosa*, por Agar—AS NOSSAS GRAVURAS.—DE TUDO UM POUCO.—RETROSPECTO DA QUINZENA.

Gravuras: — *Luiz Veillot*; *S. Gregorio Magno*; *Eu sou o Pão da Vida*.



Luiz Veillot

QUESTÕES ACTUAES

Obras de Dom Bosco

Vamos hoje fallar aqui d'esta instituição, que tão amoldada é ás necessidades instantes dos tempos hodiernos.

Dom Bosco, o santo sacerdote italiano, teve a intuição viridica que o levava a vislumbrar na regeneração do homem, arrancado a uma educação má, o futuro da sociedade.

E' por isso que a sua recordação, apesar de ha muito se achar elle occulto no seu mausoleu da Italia, não se apagou ainda, sobretudo n'aquelles a quem fez homens, chamando-os para um trabalho glorioso e honrado e arrancando-os aos horrores da vagabundagem e do crime e ao abandono social.

Eis o motivo porque Dom Bosco foi mais que um sim-



D. BOSCO

ples mortal. No seu busto aureolado fica bem o nimbo dos santos. Se, porém, por uma tradição prudente, a Santa Igreja não inscreve no calendario christão mais um nome d'um representante dos symbolicos vinte e quatro anciãos do Apocalypse senão passados largos annos, quem nos não dirá que breve o faça para aquelle que tanto se compenetro das necessidades mais momentosas do seculo, merecendo por isso os mais rasgados elogios dos irreligiosos e ainda do saudoso pontifice Leão XIII?

A obra de Dom Bosco ficou. Pagara ao tumulo o seu fundador o inadiavel tributo, mas a Providencia velava por ella. Surgiram continuadores em todos os paizes que não deixaram sossobrar ideia tão sublime como era a sua.

Não ha memoria de qualquer obra se ter tão rapidamente espalhado como a de Dom Bosco. Conta hoje centenas de estabelecimentos em todo o mundo, e esse numero tende sempre a augmentar.

Em Portugal temos já officinas de S. José nos principaes centros, e acha-se actualmente na Guarda, a convite especial do illustre prelado d'aquella diocese, o rev. Pa-

dre Cagliolo, o illustrado e virtuoso director das Officinas de Lisboa.

Este benemerito sacerdote, que possui os mais preciosos dotes de organisador, e por demais penetrado fundamentalmente do espirito e ideias de Dom Bosco, é garantia mais que sufficiente para a nova casa em que a sua actividade se anda empenhando.

O illustrado e venerando Arcebispo-Bispo da Guarda é digno das mais respeitadas homenagens e do preito sincero da nossa admiração, porque, não olhando a obstaculos de especie alguma, tem, imperterrito, dotado a sua diocese das mais salutareas reformas.

Digamos agora que todas estas officinas, sem o menor subsidio do Estado, a quem aliás prestam immensos serviços, sem rendimento proprio, só com os recursos da piedade e das offertas dos amigos da obra, tem conseguido, na de Lisboa, albergar 76 rapazes, dando-lhes uma instrucção aprimorada, inclusivamente a gymnastica e a musica, e educal-os n'uma profissão manual, que lhes garanta o pão na lucta pela vida.

Abalançando-se ainda a mais alta empreza, o Rev. Padre Cagliolo pensou em construir um magnifico edificio proprio, n'um local excellente, edificio que mais tarde poderá albergar trezentos a quatrocentos rapazes, libertando-os da prisão, dos alcouces, da taverna, da vagabundagem.

Sem mesmo frizarmos a magnitude d'esta tarefa nos grandes centros, pois que são bem obvias quaesquer considerações a esse respeito, terminamos dizendo que um grande obstaculo se está oppondo ao bom funcionamento das officinas de S. José em Lisboa.

Estas officinas atravessam actualmente uma grave crise financeira; são enormes as difficuldades com que se está luctando para conseguir manter esta obra tão necessaria.

Os nossos presados collegas na imprensa catholica, *A Palavra* e *Correio Nacional* já fizeram um appello aos catholicos dedicados para que fossem em auxilio da benemerita instituição, não a deixando naufragar.

Tornamo-nos echo d'este appello, aqui, n'este logar, fazendo-o aos nossos dedicados amigos e leitores. Todos os donativos e auxilios para tão sympathico fim podem ser enviados ao director das officinas de S. José em Lisboa, Rev.º Cagliolo, rua do Sacramento—Lisboa, ou para qualquer das redacções dos jornaes catholicos.

DOCUMENTOS PONTIFICIOS

Carta Encyclica de Sua Santidade Pio X

Sobre o cinquentenario da declaração dogmatica da Immaculada Conceição

(Continuação)

E como não seria assim? Não poderia Deus por outra via, sem ser Maria, dar-nos o reparador da humanidade e o fundador da fé? Mas já que aprouve á eterna Providencia que o Homem Deus nos fosse dado pela Virgem, e já que esta, havendo-o da fecunda virtude do Espirito Santo, o trouxe realmente no seio, que resta senão que recebamos Jesus das mãos de Maria? D'esta sorte vemos que nas Santas Escripturas, por toda a parte onde se prophetiza a graça que nos devia chegar, por toda a parte tambem, ou quasi, o Salvador dos homens apparece acompanhado de sua santa Mãe.

Sahirá, o cordeiro dominador da terra, mas da pedra do deserto; crescerá, a flor, mas da vara de Jessé. Ao ver,

no futuro, Maria pisar a cabeça da serpente, Adão contem as lagrimas que a maldição lhe ia arrancar ao coração.

Maria Sanctissima

Maria paira nos pensamentos de Noé aos flancos da arca libertadora; d'Abrahão, impedido de immolar seu filho; de Jacob, ao contemplar a escada pela qual sobem e descem os anjos; de Moysés perante a sarça inconsumptível; de David, ao cantar e saltar conduzindo a arca divina; de Elias, lobrigando a nuvensinha que se levantou do mar. E sem nos alongarmos mais, vemos em Maria, depois de Jesus, o fim da lei, a verdade das imagens e dos oráculos.

Que pertença á Virgem, sobretudo a ella, conduzir ao conhecimento de Jesus, não se pode duvidar, se se considera entre outras cousas, que só ella no mundo teve com Elle, n'uma communhão de tecto e n'uma familiaridade íntima de trinta annos, estas relações estreitas, que ha entre uma mãe e seu filho.

Os admiraveis mysterios do nascimento e da infancia de Jesus, marcadamente os que se relacionam com a sua encarnação, principio e fundamento da nossa fé, a quem foram elles mais amplamente revelados do que a sua Mãe? *Ella conservava e revolvía no coração os actos que lhe vira em Belem, o que lhe vira em Jerusalem no Templo, mas, iniciada tambem nos seus conselhos e nos designios secretos da sua vontade, ella viveu, devemos dizel-o, da mesma vida de seu Filho.*

Não, pessoa alguma no mundo conheceu como ella profundamente Jesus; ninguem melhor mestre e melhor guia para conhecer a Jesus.

Segue-se, e já nós o insinuamos, que não ha como ella para unir os homens a Jesus. Se, de facto, segundo a doutrina do divino Mestre, *a vida eterna consiste em vos conhecer, a vós que sois o unico Deus verdadeiro, e aquelle que vós enviastes, Jesus Christo* (1) assim como nós chegamos por Maria ao conhecimento de Jesus Christo, assim tambem por ella nos é facil adquirir a vida de que Elle é principio e nascente.

E agora, por pouco que consideremos quantos motivos e quão fortes convidam esta Mãe santissima a dar nos largamente da abundancia d'estes thesouros, que acrescimo não haurirá ahi a nossa esperança?

Não é porventura Maria a Mãe de Deus? Logo é tambem nossa Mãe.—Porque é principio que deve estabelecer-se, Jesus é ao mesmo tempo o Salvador do genero humano. Ora, enquanto Deus-Homem, tem um corpo como os outros homens; como redemptor da nossa raça, tem um corpo *espiritual*, ou, como se diz, mystico, que não é senão a sociedade dos christãos a elle unidos pela fé. *Numerosos como somos, nós formamos um só corpo em Jesus Christo* (2). Ora a Virgem não sómente concebeu o Filho de Deus afim que, recebendo d'ella a natureza humana, Elle se tornasse homem; mas tambem afim que, mediante esta natureza recebida d'ella, o salvador dos homens. Isto explica as palavras dos anjos aos pastores: *Nasceu para vós um Salvador que é Christo o Senhor.* (3)

Assim no casto seio da Virgem, em que Jesus assumiu um corpo *espiritual*, formado de todos aquelles que deviam crer n'elle: e podemos dizer que, tendo Jesus no seio, Maria ahi trazia tambem todos aquelles cuja vida se encerrava na vida do Salvador.

Todos nós, pois, que unidos a Christo, somos, como fala o Apostolo, *os membros do seu corpo, sahidos da sua*

carne e ossos (4), nós devemos chamar nos originarios do seio da Virgem, d'onde nós sahimos um dia, como um corpo unido á cabeça. E' por isso que somos chamados, n'um sentido espiritual, em verdade e todo mystico, filhos de Maria, e que ella é, por seu lado, nossa mãe commum, *Mãe segundo o espirito, Mãe todavia verdadeira dos membros de Jesus Christo, que nós mesmos somos* (5).

Se portanto a bem-aventurada Virgem é ao mesmo tempo Mãe de Deus e dos homens, quem póde duvidar que ella não interceda com todas as forças, junto de seu Filho, *cabeça do corpo da Igreja* (6), para que elle derrame sobre nós, que somos seus membros, os donos da sua graça, principalmente o de o conhecer e de *viver para elle* (7).

Mas não foi sómente em seu proprio louvor que a Virgem forneceu a *materia da sua carne ao Filho Unigenito de Deus; devendo nascer com membros humanos* (8) e d'esta maneira uma victima para a salvação dos homens; a sua missão foi ainda guardada, alinhentada e apresentada no dia marcado no altar. Por isso, entre Maria e Jesus, ha uma perpetua sociedade de soffrimento, que faz que se lhe possa applicar por egual titulo este dizer do Propheta «Minha vida passou-se na dôr e os meus annos nos gemidos». (9)

E quando chegou para Jesus a hora suprema viu-se a Virgem, *em pé junto á Cruz*, trespassada sem duvida pelo horror do espectaculo, *feliz contudo por saber que seu Filho se immolava pela salvação do genero humano e, por outro lado, participando de tal maneira das suas dôres que, se lhe fosse possivel julgaria infinitamente preferivel soffrer ella esses tormentos* (10).

A consequencia d'esta communidade de sentimentos e de soffrimentos entre Maria e Jesus é que Maria mereceu muito legitimamente tornar-se a reparadora da humanidade decahida (11) e portanto a dispensadora de todos os thesouros que Jesus nos adquiriu pela sua morte e pelo seu sangue.

Maria, a Mediadora

Certamente que não se póde dizer que a dispensação d'estes thesouros não é de direito proprio e particular de Jesus Christo, porque elles são o fructo exclusivo da sua morte e elle é por si proprio, pela sua natureza o mediator de Deus e dos homens. Todavia, em razão d'esta sociedade de dôres e angustias já mencionada entre Maria e o seu Filho, foi dado a esta augusta Virgem *ser junto de seu Filho Unigenito a poderosissima mediadora e advogada de todo o mundo* (12).

A origem é pois Jesus Christo: *da plenitude de quem recebemos todas as cousas por quem todo o corpo ligado e tornado compacto por meio das juncturas de comunicação toma os crescimentos proprios do corpo e se edifica na caridade* (13).

Mas Maria, como nota muito bem S. Bernardo, é o canal (14) ou, se se quizer, essa parte que tem por fim ligar o corpo á cabeça e transmittir ao corpo as influencias e as impressões da cabeça, isto é, o pescoço.

Sim, diz S. Bernardo de Senna, *ella é o pescoço do*

(1) Ephes., V, 30.

(2) S. Aug., L. de S. Virginitate, c. VI, 6.

(3) Colloss., I, 18.

(4) I Joann., IV, 9.

(5) S. Bed. Ven., L, IV, in Luc., XI.

(6) Ps. XXX, 11.

(7) S. Bonav., I Sent., d. 48, ad. Litt., dub. 4.

(8) Eadmeri Mon., De Excellentia Virg. Mariæ, c. IX.

(9) Pius IX, in Bull., Ineffabilis.

(10) Ephes., IV, 16.

(11) Serm. de temp., in Nativ. B. V., De Aqueductu. n.º 4.

(1) Joann., XVIII, 3.

(2) Rom., XII, 5.

(3) Luc., II, 11.

nosso mestre por meio do qual este communica ao seu corpo mystico todos os dons espirituaes (1).

E' pois grandemente precioso, como se vò, que se attribua á Mãe de Deus uma virtude productora da graça, virtude que só pertence a Deus.

Entretanto, como Maria sobreleva a todos em santidade e união com Jesus Christo e como se associou a elle na obra da Redempção, ella merece-nos *de congruo*, como dizem os theologos, o que Jesus Christo nos mereceu *de condigno*, e ella é o ministro supremo da dispensação das graças. *Elle, Jesus, está sentado á mão direita da magestade divina no mais alto dos ceus* (2). Ella, Maria está á direita de seu Filho, *refugio tão seguro e tão fiel contra todos os perigos, nada havendo a temer, de nada se devendo desesperar, estando-se debaixo da sua direcção, dos seus auspícios, do seu patronato e sob a sua egide* (3).

Postos estes principios, voltando á nossa ideia, quem não reconhecerá que é com justo motivo que nós affirmamos de Maria, que ella foi companheira assidua de Jesus desde a casa de Nazareth até ao monte do Calvario, iniciada primeiro que os outros nos segredos do seu coração, dispensadora por direito materno dos thesouros dos seus meritos, que nos presta, por todos estes motivos, um socorro certo e efficaz para chegarmos ao conhecimento de Jesus Christo?

Oh! Nós tiramos uma prova muito peremptoria da conducta d'esses homens seduzidos pelos artificios do demonio, ou enganados pelas falsas doutrinas que creem podem passar sem o socorro da Virgem. Desgraçados, desprezam Maria sobre o pretexto de honrar Jesus Christo!

Como se se pudesse encontrar o filho sem ser com sua Mãe!

● Dogma da Immaculada

Se assim é, Veneraveis Irmãos, é para este fim que devem reavivar todas as solemnidades que se preparam em honra da Santa e Immaculada Conceição de Maria. Nenhuma homenagem, com effeito, lhe é mais agradável, nenhuma lhe é mais doce do que conhecermos e amarmos a Jesus Christo. Encham, pois, as multidões os templos, celebrem-se festas pomposas, haja alegrias publicas. São estas cousas muito proprias para reavivar a fé.

Mas se não tivermos os sentimentos do coração, tudo n'ellas será pura fórmula, simples apparencia de piedade. Se assim for, a Virgem, usando das palavras de Jesus Christo, dirigir-nos ha esta justa censura: *Este povo honra-me com os labios, mas o seu coração está longe de mim.* (4)

Porque emfim, para ser de bom quilate, o culto de Maria deve provir do coração; os actos do corpo não tem aqui utilidade nem valor se forem isolados dos da alma.

Ora esta sómente se pode referir a um objecto que é observarmos fielmente o que o divino filho de Maria ordena. Pois se o amor verdadeiro é unicamente aquelle que tem a virtude de unir as vontades, é de toda a necessidade que nós tenhamos esta mesma vontade com Maria: servir a Jesus, Nosso Senhor.

A recommendação que esta prudentissima Virgem fez aos servos das bodas de Canaan, dirige-a tambem a nós. *Fazei tudo que elle vos disser* (5). Ora eis a palavra de Jesus Christo. *Se quizerdes entrar na vida observae os mandamentos* (6).

(Conclue)

(1) Quadrag., de Evangelio eterno, Serm. x, a 3, c. III.

(2) Hebr., I, 3.

(3) Pius IX in Bull. Ineffais.

(4) Matth., XV, 8.

(5) Joann., II, 5.

(6) Matth., xli., 17.



FASTOS DA EGREJA

S. Gregorio Magno

Acabando de ser festejado na capital do orbe catholico o centenario do grande pontifice S. Gregorio Magno, vamos por isso mesmo dar aos nossos leitores uns pallidos traços da sua vida extraordinaria e modellar.

Nasceu este glorioso pontifice em Roma pelos annos de 540, filho d'uma familia illustre. A começo, seguindo as tradições da sua nobre estirpe, levou uma vida fastuosa, occupando então o cargo de pretor de Roma.

Chegou-lhe um dia o sentimento do desprezo pelas grandezas mundanas, e desde então demittiu-se do seu cargo, applicou a obras pias a sua immensa fortuna, e levou mais longe ainda o seu desaparego, fazendo-se religioso.

Tendo sido enviado na qualidade de nuncio a Constantinopla por Pelagio II, de quem era secretario, succedeu a este pontifice em 590 por unanime aclamação.

Era, porém, tão nobre o seu character, quanto humilde no desprendimento que fizera da grandeza, que fez tudo quando pôde para declinar de si tão grande honraria, como a que lhe concedia esta eleição pontificia, acceitando-a por ultimo depois de vivamente instado.

Por este tempo era melindrosissima a situação da christandade. A Italia soffria os horrores da invasão dos lombardos. Roma padecia a peste e a fome. As inundações do Tibre tornavam ainda mais critica a situação dos povos. S. Gregorio, porém, fez ver n'esta conjunctura a sua gigantesca estatura moral, procurando vencer tão poderosos flagellos.

D'est'arte conseguiu entrar em negociações com os lombardos, preservando Roma das suas devastações, e, proseguindo na sua obra grandiosa que o devia immortalisar perante o mundo, acudiu á miseria das classes desvelidas, mandou reerguer edificios e templos, reorganizou as egrejas do Occidente, tratou de moralisar os costumes, pugnou contra as heresias, e tentou estender a sua jurisdicção até ás egrejas do Oriente.

Fulge no seu pontificado a conversão da Gram Bretaña.

nha por intermedio dos missionarios que alli enviou sob a direcção do monge Agostinho.

Attestando o immenso saber e inspirada intelligencia do santo e preclaro pontifice temos a reforma da liturgia e musica religiosa, e ainda as numerosas obras que deixou, a saber: *Homilias*, *Dialogos*, *Commentarios ao livro de Job*, *Cartas*, uma *Pastoral* sobre os deveres d'um bom pastor, tudo obras de grande nomeada, que o designam como um dos mais notaveis pontifices que se sentaram na cadeira de S. Pedro.

Fallando de S. Gregorio Magno, eis como Huysmans se expressa a seu respeito, na «Cathedral»: «S. Gregorio, o primeiro monge beneditino nomeado papa, foi o mestre da liturgia, e o creador do canto-chão.

Sagrado pontifice, mau grado seu, arrasta uma vida torturada pela angustia, chora o repouso abandonado do claustro, e não lucta menos com uma incrível energia contra as invasões dos barbaros, contra as heresias da Africa e intrigas de Byzancio, do que contra a simonia dos seus.

Elle surge do fundo das edades n'um sabbat de schismas, e entrevêmo-lo tambem no meio d'estas tormentas, protegendo contra a rapacidade dos ricos os pobres a quem alimenta pela sua mão e a quem beija os pés todos os dias; e n'esta existencia afanosa, sem um momento de descanso, sem um minuto de treguas, consegue restaurar a disciplina monastica, e semear em toda a parte que pôde o germen beneditino, e ainda salvar o mundo, que se perde, pela vigia dos claustros.

Se não foi martyrisado, morreu comtudo por amor de Christo de cansaço e de fadiga, tendo vivido no continuo soffrimento d'um corpo minado pelas doenças e debilitado pelas macerações voluntarias e pelos jejuns.»

Morreu este glorioso pontifice em Roma, victima de excessivos ataques de gotta, em 604. E' commemorado pela Santa Egreja no dia 12 de março.

Uma piedosa tradição antiga pinta-o com uma pompa, segredando-lhe ao ouvido a musica celestial dos seus hymnos sacros e os piedosos e sublimes pensamentos dos seus livros.

CONTROVERSIAS

Jesuitas e Liberaes

XIII

Os Jesuitas e a Instrucção

Ha quem falle contra o systema escholar dos Jesuitas, como falla contra todo o methodo, adoptado no ensino por as corporações, que tem mais ou menos o character monastico.

E, no entanto, não pode negar-se, que nenhuns professores, como os Jesuitas, tem o condão e a facilidade de ensinarem de modo que, dos estudantes, que elles habilitam para exames, rarissimos são os que ficam reprovados.

Muitos paes e tutores de mancebos, rebeldes á instrucção e ás leis da educação moral e civil, por já não poderem metter os filhos e os tutelados na estrada do verdadeiro merito, recorrem aos serviços escholares e educativos de taes institutos e encontram nos Jesuitas o que não poderam conseguir pelos proprios esforços.

Não falta quem diga, que os Jesuitas tratam de fanatizar os alumnos, chamando-os para a sua classe e aproveitando aquellos, que dão mais provas de talento e de applicação.

Não é tanto, como apregoam os inimigos das institui-

ções religiosas. Os Jesuitas não forçam ninguem a entrar para a sua congregação. Aproveitam e acceitam de boa vontade o que espontaneamente á mesma congregação desejarem pertencer.

E o entrar n'ella não é uma coisa tão facil, como muita gente imagina. Não se entra para ali, como se entra para qualquer confraria ou irmandade, ou para qualquer associação commercial, ou recreativa ou de vulgar especie.

Quem para ali entra tem de dar muitas provas de aptidão, de estudo, de virtudes e de intelligencia. A admissão não vae de repente, mas por graus, a que os alumnos e os noviços vão subindo e de que não poucos descem, por que nem todos se sujeitam aos sacrificios do estudo e da obediencia.

Ora os Jesuitas não obrigam os paes nem os tutores, a que lhes mandem para os seus collegios os filhos e os tutelados, nem induzem estes, a que insinuem ás familias esse pensamento.

Por tanto, os mancebos ali estão e ali são educados, por que muito assim o querem os seus superiores.

E note-se, que até agora ainda não constou, que qualquer d'estes se houvesse arrependido de haver entregado os seus familiares ao ensino dos Jesuitas.

*

Dos que tem frequentado os collegios do Instituto de Santo Ignacio de Loyola, pouquissimos tem seguido esse Instituto.

D'esses collegios tem saído e constantemente sahem, em diversos paizes, muitos alumnos, que não seguem o estado ecclesiastico e, na sua maioria, vão para militares, para medicos, para jurisconsultos, para funcionarios publicos e para commerciantes, e não deixam de confessar, que devem ou deveram as suas posições aos Jesuitas.

Verdade é, que, entre esses alumnos não tem faltado ingratos, que, fazem como a serpente, de que falla o Apologo. Depois que já não precisam dos Mestres, mordem não só as mãos, mas tambem os seios dos seus bemfeitores. Mas a boa sociedade e as pessoas conscienciosas e de fina educação raras vezes deixam de reconhecer a ingratição de taes alumnos e não os admittem na intimidade domestica.

Tem havido individuos pobres, ignorantes e desprotegidos, que deveram a sua educação e o seu saber aos Jesuitas, que não só lhes mataram a fome corporal, mas tambem a da instrucção. E esses são os maiores inimigos dos Jesuitas, por que não querem confessar o que lhes devem. Altivos, arrogantes e insolentes, desacreditam os que lhes deram o pão do espirito e do corpo!

Isto são verdades incontestaveis, pois bem se sabe, que os Jesuitas sustentam gratuitamente muitos alumnos, desprotegidos da fortuna e desamparados de familia e de parentes e que morreriam á mingua e ficariam ignorantes e ignorados, se taes protectores os não arrancassem das garras da miseria.

*

Ha, porem, quem diga, que os Jesuitas ensinam, sem terem habilitações legais nem diplomas de instrucção official e que, por isso, não podem provar a sua proficiencia.

Não é tanto assim, por que dos que se empregam no ensino, raros são os que não tem publicamente dado provas das suas aptidões.

E, como cada um se dedica a um ramo especial de instrucção, raro é aquelle, que não é profundo na materia, que lecciona.

Demais, elles não annunciam em jornaes, em cartazes, em papeis avulsos ou por outros meios, a abertura das suas aulas nem o seu programma de ensino. Por isso, ninguem tem o direito de lhes perguntar pelos seus diplomas, nem pela maneira, como cumprem as leis da instrucção,

Quando um individuo, ou grupo de individuos, annuncia a leccionação de qualquer disciplina ou de quaesquer disciplinas, de certo, que tem a obrigação de mostrar ás respectivas auctoridades as provas officiaes, que lhe dão o direito, para exercer o magisterio.

E, n'esse caso, tem de franquear, ás mesmas auctoridades, a sua eschola, ou eschololas, para que os alumnos nada soffram na saude, na instrucção e na educação moral e civil; para que as familias dos alumnos não estejam pagando baldadamente e para que esses alumnos não sejam confiados a pessoas, que não estão aptas, para os educarem.

E, quando taes pessoas tenham annuciado essas aulas e mostrado os respectivos diplomas de habilitação, tambem estão no direito de reprehenderem e castigarem os alumnos rebeldes e de exigirem dos chefes das familias de todos elles a respectiva remuneração, quando a paga não seja pontual.

*

Agora tambem nos seja permittido o fazermos algumas interrogações.

Quem exige aos jornalistas os diplomas das suas habilitações litterarias? Ninguem, por certo. E, no entanto, elles julgam-se aptos, não para instruirem algumas dezenas, ou centenas de mancebos, mas para instruirem milhares de leitores. Elles dizem, que querem instruir e civilisar os povos e levar a instrucção e a luz até á mais recondita aldeia. Querem cumprir uma grande missão civilisadora.

E, como taes, tratam de todas as sciencias, de todas as artes, de toda a historia e de todos os assumptos.

Não fallam, mas escrevem, *ex cathedra*, entendendo, que devem ser obedecidos e muito respeitados. Entendem, que n'elles está o *magister dixit* e que têm o dom da infalibilidade. Entendem, que todos se devem curvar ás suas opiniões e ás suas imposições, desde o mais elevado funcionario até ao cidadão mais humilde.

O que escrevem deve ser mais respeitado do que um Evangelho. E, no fim de contas, muitos d'elles nem tem exame de Instrucção primaria elementar, e alguns tem poucas mais habilitações officiaes!!

Que diplomas se exigem aos professores de musica, directores de phylarmonicas e que leccionam em casa ou andam exercendo o magisterio por as casas de diversos alumnos?

Uma costureira, ou uma qualquer modista, annuncia o seu *atelier*. (Isto é á moderna, antigamente dizia-se estabelecimento e officina).

Ninguem lhe pergunta pelas suas habilitações, nem se ella será capaz de enganar o publico nem de empalmar ás freguezas metade das fazendas, destinadas ás obras.

Ninguem pergunta por diplomas de habilitações aos photographos, aos actores, aos mestres de artes liberaes ou mechanicas.

As suas obras, ou seus trabalhos são os seus diplomas?

Pois o mesmo se poderia dizer dos professores dos collegios de Jesuitas ou dos collegios de quaesquer congregações, que tem o character mais ou menos conventual.

O grande numero de alumnos habilitados, que, annualmente e ou em muitos annos consecutivos, se apresentam nos lyceus, para serem examinados e que saíram de taes collegios, são tambem os diplomas dos respectivos Mestres.

E os paes e os tutores dão-se mutuamente os parabens, por haverem preferido taes collegios a outros muitos e até a alguns estabelecimentos officiaes de instrucção, onde esta é superficial e onde os alumnos não aprendem mais, que algumas banalidades, e a fazerem algazarra ás portas dos respectivos edificios, a insultarem os transeuntes e a espancarem se mutuamente.

*

Acontecerá isso n'esses collegios chamados jesuiticos? Diga-o quem quizer fallar a verdade.

Os alumnos de taes collegios são geralmente serios, cordatos e de uma educação fina, propria de pessoas da alta sociedade.

Não são bisonhos, nem hypocritas, nem fanaticos. Conversam francamente, sorriem com delicadesa, cortejam sem lisonja, e elogiam sem sarcasmos nem imposturas.

Seguem a vida, que lhes parece e lhes convem. E, quando não são ingratos, nem as más companhias os pervertem, saudosos, em toda a idade e em todas as situações, lembram-se dos seus mestres e fallam d'elles, elogiando-os. Lembram-se dos seus contemporaneos do collegio e dos dias agradaveis, que passaram, quando o sino lhes indicava as horas do estudo, as das suas refeições, do seu recreio, do descanso e das rezas.

Lembram-se de quando iam visitar as suas familias e de quando, acabadas as epochas escholares, se despediam lacrimosos e de quando disseram o ultimo adeus á casa, onde foram educados, aos seus preceptores e aos seus compaenheiros escholares.

(Continua)

Um catholico.

LITTERATURA

O Cruzeiro de Villa Viçosa ⁽¹⁾

Portugal, o valente guerreiro coroadado de louros, sacudira ha muito o jugo tyrannico de Castella, e, agora, volvidos quasi 40 annos, ainda algum velho militar recordava, com enthusiasmo, o dia glorioso da restauração da patria.

Um d'esses heroes, que então mereceram o epitheto de conjurados, era D. Gonçalo Telles, senhor d'um solar em Villa Viçosa, não longe da capella de Nossa Senhora da Lapa.

Ha muito, que a mão destruidora do tempo, demoliu esse antigo solar, que D. Gonçalo herdara de seus progenitores já bastante arruinado.

Apesar de arruinado tambem nos ultimos annos, pela idade e pela doença, — o velho fidalgo, — não era preciso ser physionomista habil, para logo reconhecer e palpar n'elle e estofa d'um bravo soldado!

O olhar vivo e penetrante, a fronte altiva e marcial, a voz imperiosa e o gesto decidido, trahiam n'elle o habito do commando, da disciplina militar.

*
* * *

No occaso da vida, a existencia ter-lhe-hia sido insupportavel, se lhe não restasse um bordão florido para a velhice, uma rosa fragrante, uma filha de 22 primaveras — a sua Marina!

Tinha esta a frescura e louçania da rosa; como ella, era gracil, era bella: era emfim donzella virtuosa e candida, que, aos 10 annos apenas, ficára... pobresinha!... orphã dos carinhos maternos.

Educada com esmero e piedade, n'um convento da capital, não foi sem saudades, nem sem receios do mundo, que ella deixou aquelle viveiro de plantas juvenis e delicadas, quando a idade e o estado precario de saude de seu pae a reclamaram para o lar paterno. Inteligente como era, compenetrou-se logo da sua nova situação, do seu viver de luctas, de sacrificios...

E aquella alma juvenil, que com o leite materno bebeu o germen de todas as virtudes, — era agora uma mulher forte, generosa, toda sacrificada ao bem-estar de seu pae.

(1) Conto premiado no concurso litterario feminino da «Palavra».



Eu sou o Pão da Vida!

*
* *

Era visita habitual da casa, o sr. Abbade, amigo velho de D. Gonçalo, companheiro de caça nos bons tempos, que não voltam!... e, agora, seu parceiro no jogo do assalto, do xadrez, etc.

Todas as noites, quer ventasse, chovesse, saraivasse ou trovejasse, o bom do Abbade, invulneravel como Achilles, todo embrulhado até aos olhos no amplo capote, onerado dos seus 75 annos,—lá rompia desafiando a furia dos elementos.

Se não ia levar o Senhor a um enfermo, ia no entanto praticar uma obra de misericordia,—ia consolar os tristes... E muito triste era a vida de D. Gonçalo, invalido do corpo e cego da alma!... N'uma era de fé tão viva, este velho fidalgo não tinha fé!...

Habitualmente, passavam boa parte da noite, no quarto do doente: era uma sala espaçosa, sobriamente mobilada, que recebia a luz do dia, através de tres janellas bem rasgadas, por onde se disfructava um bello horisonte.

A' cabeceira d'um leito antigo de páu preto, estava preza á parede, em sentido diagonal, uma espada,— não a espada de Damocles,— mas... a companheira de D. Gonçalo, a sua cooperadora em gloriosas campanhas.

Dois quadros, luxuosamente emoldurados, ostentavam medalhas e commendas militares de bom comportamento, de merito, de valor.

O fidalgo tinha por todas estas insignias militares um culto supersticioso; era o seu idolo, as pupillas dos seus olhos e a sua melhor distracção nas horas de insomnia e de melancolia.

Marina, comquanto respeitasse tão legitima veneração, desejava que um quadro devoto,—uma imagem da Virgem,—fizesse concorrência aos outros quadros, e pozesse assim n'aquelle recinto, n'aquella atmospheria,—uma nota piedosa—que fosse como que o preludio de uma nova orientação de vida.

Um dia que, corajosa no seu apostolado de familia formulara este desejo e se abalançara e confiou-o a seu pae, este, annuviando-se-lhe o semblante, respondera-lhe decididamente:

—Não quero; põe-o no teu quarto: admiro a tua fé, a tua piedade e em certo modo respeito-as; mas não consinto, não tolero que m'as imponhas. Perdes o tempo.

Outra que não fosse Marina,—alma varonil,—ficaria derrotada, atemorizada com resposta tão categorica. Mas não; ella estava acostumada a sahir incolume de taes escaramuças, que de vez em quando perturbavam a harmonia d'aquelle lar.—A sua paciencia e resignação triumphavam sempre.

Afastou-se de junto de seu pae, entrou n'um quarto visinho—o seu proprio quarto—e abrindo um contador de rara valia artistica, tirou de dentro um crucifixo de marfim, d'um palmo d'altura. Osculou-o, ajoelhou-se por alguns segundos no seu genuflexorio e... mais alegre do que entrara, sahiu levando a preciosa lembrança que herdara de sua mãe.

Acercou-se de D. Gonçalo, enlaçou-o meigamente pelo pescoço, beijou-o e mergulhando o seu olhar nos olhos cançados do velho, disse-lhe supplicante:

—Meu pae!.. e se eu lhe pedisse para collocar, alli na parede fronteira ao seu leito, este crucifixo, esta preciosa dadiua de minha mãe, este symbolo da nossa fé e da nossa redempção?!...

—Seja, minha feiticeira; vá lá em memoria de tua mãe em paga das tuas caricias, que foram agora como um raio de sol que se filtrou por entre as grossas nuvens que se encastellavam no meu pensamento... Tu não sabes o

que é a velhice... o que são as recordações amargas do passado e as incertezas do futuro!...

—Não esteja triste, meu pae; está aqui a sua Marina o seu raiosinho de sol.—Deus é muito bom, quer a nossa felicidade, mas impõe-nos o preceito de o amar.

D. Gonçalo não respondeu, mas o seu silencio, ao ouvir estas observações da filha, foi a resposta mais eloquente que elle recolheu no cofre do coração.

(Conclue.)

AGAR.

AS NOSSAS GRAVURAS

Luiz Veuillot

Luiz Veuillot! Eis aqui um nome que não precisa de biographia. Foi em vida um astro de primeira grandeza; a morte não lhe ensombrou no minimo ponto a fulguração inegalavel: é para o mundo catholico, na significativa e energica expressão d'um grande escriptor portuguez, um «morto immortal.»

Entre os jornalistas francezes do seu tempo, foi distincto sobre os mais distinctos, illustre sobre os mais illustres. A causa catholica viu-o sempre na brecha, resplandecente de genio, ardente de valor, esgrimindo com admiravel saber e infatigavel actividade a sua incomparavel penna de ouro e diamante. No campo da razão, não houve adversario que não tivesse de render-se ou capitular ante o vigor irresistivel da sua argumentação.

A fé, a justiça, a verdade e a honra eram as bases inconcussas do seu grande e nobre character, os valiosissimos elementos de força que o sustentavam no bom combate, sem um desalento nem uma cobardia. Ao contrario, quanto maiores eram as adversidades que pesavam sobre a causa que defendia com tanto denodo, tanto mais cresciam o seu zelo e o seu brio incessantes.

Mas Luiz Veuillot não foi só um gigante como jornalista, não restringiu á heroica arena do *Univers* os portentos do seu enorme talento: escreveu tambem livros, e livros de incontestavel merecimento, não d'aquelles que se lêem na occasião com mais ou menos interesse e depois se esquecem, porem sim d'aquelles que fazem epoca e permanecem assombrosos sempre.

Citaremos, entre outros, aquella admiravel *Vida de Nosso Senhor Jesus Christo*, que fizeram surgir os brutos ataques de incredualidade ao divino Jesus; *Os Livres-Pensadores*, em que se combatem as erroneas doutrinas d'essa funestissima seita; *Os Cheiros de Paris* e *O Perfume de Roma*, em que por assim dizer se faz a autopsia comparativa das duas grandes cidades.

Terminaremos estas breves linhas com chave de ouro, fazendo uma magnifica citação de Luiz Veuillot acerca das duas especies d'imperio sahidos do revoltoso ventre do seculo XIX: o imperio da força e o do espirito; um que quer unificar pela violencia, outro que quer unir pelo amor; um dos que querem mandar e dominar, outro, dos que querem obedecer e amar.

«Como no antigo paganismo, mas com vertiginosa rapidez, succedem-se e precipitam-se os imperios materiaes na nossa sociedade moderna, materializada e paganizada. Houve o imperio violento de Napoleão, o imperio politico e mercante da Inglaterra, eis talvez o imperio orgulhoso e brutal da Prussia, e já se póde prever que este tem por adversario e provavelmente por vencedor o imperio selvagem da Russia. Todos estes imperios são revolucionarios; todos estes imperios foram inimigos de Christo e se armaram contra o seu Vigario; todos prometeram proscreever um dia a guerra, e todos teem feito a guerra pagã a der-

ramado mais sangue do que ha sido vertido sobre a terra no mesmo espaço de tempo em qualquer outra epoca da historia.

«E entretanto o imperio do espirito, o imperio de Christo, sem armas, sem apoio, reduzido a nada, encerrado todo durante annos nas prisões de Valence, de Savone e de Fontainebleau, se tornou a levantar e se engrandeceu. Vimos no concilio do Vaticano os bispos da China, do Japão, do Thibet e da Polynesia, lá vimos os bispos de Londres e de Genebra que não estavam no concilio de Trento, e todos conferiram ou melhor reconheceram ao Papa uma dictadura que não será abalada. Poderão arrebatár ao Papa o seu territorio, mas não lhe tirarão nem um subdito, antes pelo contrario lhe trarão mais.

«Deus dá á sua Egreja os salvados de todos os naufragios, e cêdo ou tarde o louro de todos os triumphos. Assim o faz, e esta perpetua vencida é eternamente victoriosa, porque nunca abandona a verdade.»

Luiz Veuillot dá-nos aqui um grande exemplo de fé e esperanza, que devemos seguir apesar de todos os symptomas ou de todas as apparencias em contrario.

A. Moreira Bello.

Eu sou o Pão da Vida!

Bellissimo é o pensamento d'esta gravura. Ao contemplal-a, não poderão deixar de sentir os nossos leitores um ineffavel influxo de unção mystica. Um Deus feito Homem, dando-se por suas proprias mãos ás suas creaturas que mais ingratamente lhe tem retribuido a graça sublime do viver, haverá pensamento mais elevado!

Contemplem, pois, como deve ser contemplada a nossa gravura.

DE TUDO UM POUCO

Porque tremem as folhas do alamo

Na hora suprema, quando Nosso Senhor pendia da Cruz, escureceu-se o sol e um pavoroso tremor abalou a natureza inteira.

O homem, attonito e silencioso, esperava com animo suspenso acontecimento tão extraordinario e sobrenatural, as feras de temerosas não ousavam sahir de seus covis: não se ouvia o trillar do grillo, nem o zumbido de um insecto, nem ainda o gorgueio d'um passarinho. Toda a natureza calava e soffria.

Só as flores, as moitas e as arvores murmuravam na propria linguagem a historia d'aquelle instante supremo. Ciciavam em côros os altos cedros do Libano e era terrivel o som, que enchia o ar feito escuro como a noite.

—Oh! tudo está consummado—sussurrou plangente o salgueiro de Babylonia, vergando sobre o Euphrates seus tenuissimos ramos.

Atravessando a vinha, o agricultor viu que a vide chorava; e, quando amadureceu o fructo, chamaram áquelle delicioso nectar *Lacrima Christi*. E sobre o Golgotha rescendia suave fragancia. Era a humilde violeta que, para refrigério do Filho de Deus moribundo, confiava á brisa seu tão decantado perfume.

—D'ora avante vestirei sempre de lucto, segredou ao cypreste seu amigo o sycomoro.

—Eu, respondeu o cypreste, para memoria d'esta hora dolorosa farei junto dos tumulos minha pousada.

...Mas eis que passa no ar um sopro ligeiro.

Era Ariel, o anjo da morte que vinha á Cruz.

E quando do alto do Lenho da Salvação partiu o ge-

mido doloroso que acompanhava o grito: «Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?» tremeram todas as folhas, as flores, e os ramos.

Só o alamo—a arvore fria e vã—contemplou indifferente o tragico espectáculo do Golgotha.

—Que nos importa, disse, o teu soffrer?—as arvores, as flores e as plantas, não somos nós puras?—peccamos nós proventura?

Encolerisou-se Ariel, o anjo da morte, de tão estranha sensibilidade e tão descomedido dizer e tomando na mão um pouco de Sangue do Redemptor regou com elle as raizes da arvore. Tremeu o infeliz, e todas as suas folhas se inclinaram para a terra.

Nunca mais tiveram paz seus ramos e quando tranquilamente feliz repousa a natureza, as folhas do alamo tremem... tremem...

(Do allemão).

Calendario:

Abril	Morte do celebre naturalista francez, Buffon, em Paris, no anno de 1788.
15	Jorge Luiz Laclerc, conde de Buffon, nasceu em Montbard aos 7 de setembro de 1707.
1904	E' uma das glorias da França. A sua <i>Historia Natural</i> dá-lhe jus a um logar primacial entre os maiores naturalistas, sendo pelo seu estylo superior considerado como um dos mais notaveis escriptores francezes.

O seu genio parece igualar a magestade da natureza como o declara uma inscripção gravada no pedestal da estatua, que, em sua vida, lhe ergueram: *Magestati naturæ par ingenium*.

Buffon concebeu o vasto projecto de reunir em um só conjuncto os factos, até então dispersos, da historia natural, estudando o nosso mundo planetario, a composição do globo, a theoria da geração, e, percorrendo em seguida toda a criação desde o homem até aos mineraes. Este plano parecia não caber nas forças d'um só homem; Buffon porém levou-o a cabo com a coragem d'um d'aquelles philosophos antigos, para quem os obstaculos eram um estimulo mais.

Buffon foi o artista da natureza, de que Linneu se fazia ao mesmo tempo o operario.

Uma phrase do seu discurso de recepção na Academia: *O estylo é o homem*, é em litteratura o objecto de frequentes allusões. Este aphorismo applica-se maravilhosamente ao auctor: effectivamente, o seu character, os seus habitos, o seu proprio physico assemelhavam-se ao seu estylo; as suas maneiras eram polidas, os seus gostos fastuosos, o seu trajar magnifico, o seu porte nobre e o andar altivo. Não ha nada que eguale a belleza das imagens, a amplidão dos seus periodos, a harmonia e a pompa das suas expressões.

Buffon vivia retirado no seu castello de Montbard como um verdadeiro grande senhor e tinha a excentricidade de não trabalhar senão de peitilho e punhos de folhes e rendas...

Curiosidades:

Precioso o anagramma que vamos publicar. Com a transposição das letras do texto da Annunciação forma-se o texto novo da Immacula da Conceição. Podem verificar, que para isso vamos numerar as letras.

A V E M A R I A G R A T I A P L E N A
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19

D O M I N U S T E C U M
20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

Eis agora o anagramma produzido pela transposição das letras :

D e i p a r a I n v e n t a S u m
20 3 7 15 1 6 5 13 18 2 17 24 12 8 26 25 4

E r g o I m m a c u l a t a
28 10 9 21 23 22 31 19 29 30 16 14 27 11

«Fui escolhida para Mãe de Deus, logo sou Immaculada.»

Notas de sciencia :

Segundo recentes e numerosas experiencias de Wagner' a acção do sulfato de ammoniaco é menos efficaz nas terras muito calcareas que nas medianamente providas de cal. Sendo o effeito do nitrato igual a 100, póde representar-se o do sulfato de ammoniaco por 80 por 100 nas terras pobres de cal contendo menos de 0,25 por 100 de carbonato de cal, e 65 por 100 nas terras calcareas que contemham mais de 0,25 por 100 de carbonato de calcio.

Wagner attribue este resultado á volatilisação do ammoniaco em fórma de contacto com o carbonato de cal do solo.

Nas terras humosas, ou quando são ricas em cal, este accidente é menos de temer pelo maior poder retentivo do solo.

Pensamentos:

Com a humilhação póde fazer a alma progressos extraordinarios. — *S. Francisco de Assis.*

— O recurso da penitencia tira todos os motivos á desesperação. — *S. Francisco de Jeronymo.*

— Deus não desampara nunca os que n'elle esperam, nem permite que caiam os que se firmam n'elle. — *S. Bento José Labre.*

— O amor proprio é o bicho roedor de todas as virtudes. — *Beato Jacopone de Todí.*

— Grande infelicidade para uma alma é converter as graças naturaes, com que Deus a dotou, em motivos e disposições para mais offender a magestade divina. — *Santa Thereza de Jesus.*

— Quem tiver caridade solida e verdadeiro espirito, não julgará por mimoso e gastador aquelle que se provê das coisas necessarias para seus achaques e para os dos seus. — *Santo Ignacio de Loyola.*

— Maior difficuldade se encontra em corrigir o damno causado por uma lingua do que a ferida feita por uma lança. — *Beata Francisca de Amboise.*

Versos escolhidos :

Caput Sacrum

Cabeça d'atrocissimo flagicio,
Ensanguentada e livida, pendente
Por sobre o peito angustiadamente
N'um tragico e medonho sacrificio :

Embora o scepticismo, embora o vicio
Pretendam dissipar sinistramente
O nimbo sacratissimo e fulgente,
Que vem cercar-te em circulo propicio,

Nenhuma nuvem essa estrella offusca ;
Eternamente brilhas no horisonte
Da vida sempre nevoenta e brusca.

Ferido, corre o cervo para a fonte ;
Queixosa e flebil a nossa alma busca
As chagas que ensanguentam essa fronte.

ALBERTO CRUZ.

Humorismos :

Dois empregados publicos, amigos de infancia, encontraram-se um dia. Depois de terem conversado muito sobre varios assumptos, um d'elles, que tinha ficado livre pensador, disse ao outro, que tinha conservado a fé catholica que lhe ensinaram os seus paes e os mestres do collegio:

— Vamos discutir um bocado sobre religião.

O outro respondeu :

— Vamos lá, mas com a condição de me responderes primeiro a duas perguntas: não te parece rasoavel que aquelle que quer discutir sobre uma cousa deve conhecê-la ao menos superficialmente?

— Homem, respondeu o incredulo, assim deve ser.

— Muito bem; o compendio mais resumido da religião christã é o Credo. Por isso a segunda pergunta: sabes o Credo?

— Homem, para te dizer a verdade não sei.

— Então que queres tu discutir, meu caro?...

Eis um exemplo optimo para imitar em analogas circumstancias.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Abril! E' o segundo mez da primavera, aquelle em que a terra nos mostra os germens que encerra. Se não é o mais bello, é o mais ameno. E' o mez das esperanças e promessas. Entre os hebreus era o mez da Paschoa, e o primeiro do seu anno religioso, porque da sua independencia, que é uma resurreição, ao passo que a escravidão é a morte, devia datar tudo para elles. A terra libertada, celebra tambem a sua Paschoa; e todos os seres que n'ella habitam saudam a liberdade, com um hymno de toda a natureza ao Creador!

Singularmente magestosas decorreram as solemnidades da Semana Santa n'esta laboriosa cidade do Porto.

N'estes dias de tão alta magestade pôz treguas ao seu afan diurno, para dar logar á commemoração do complemento da missão do Redemptor sobre a terra.

Quem visitou as nossas egrejas n'estes dias solemnissimos da Semana Santa, com certeza fizera d'esta cidade os melhores conceitos sobre a sua religiosidade.

Essa mole immensa de povo, que n'um continuo vae-vem entrava nos templos, onde iam d'envolta todas as classes sociaes, tinha o mais alto significativo para uma cidade que se exorna com as mais nobres tradições e pergaminhos.

Oxalá, pois, que esta sua manifestação signifique o que realmente devera significar.

Já hão de ter notado os nossos presados assignantes e leitores os esforços que havemos envidado para melhorar a nossa revista de dia para dia. Com justificado orgulho podemos dizer que alguma cousa temos feito e ainda mais promettemos fazer afim de que a imprensa catholica occupe o logar primacial a que tem jus incontestavel.

Secunde-nos agora os nossos assignantes com o pagamento ponctual das suas assignaturas, e os nossos dilectos amigos com a propaganda incessante da nossa revista, que as nossas promessas terão a mais larga e inesperada confirmação.

Sabe-se peremptoriamente que já se iniciaram as negociações diplomaticas entre o nosso governo e a Santa Sé para o restabelecimento do antigo Bispado de Leiria.

E' isto, pois, motivo para rejubilarmos, e mandarmos as nossas entusiasticas felicitações aos intemeratos leirienses, e em especial ao nosso presado collega «Portomozense.»

Da Real Officina de S. José, d'esta cidade, dirigida pelo virtuoso sacerdote, rev.º Sebastião Leite de Vasconcellos, tivemos o prazer de receber um primoroso bilhete postal da mais elevada confecção artistica, o que muito nos penhorou.

E' commemorativo da exposição da Officina ao publico, no dia do seu Padroeiro, e representa a Familia Sagrada, copia d'um soberbo quadro do auctor F. Deffreger, de Munich.

Foi editado este bilhete por um benemerito da dita Officina que destina parte do producto da venda em favor da mesma. E' o primeiro d'uma serie de bilhetes que pretende editar e custa cada 20 reis.

Podemos já dar um resumo do ultimo *motu proprio* de Sua Santidade, sobre a codificação do direito canonico.

Pio X, depois de ter recordado a obra dos Pontífices precedentes, que nos diversos seculos promoveram e promulgaram como authenticas as collecções juridicas, que compõem o chamado *corpus juris canonici*, nota como depois do Concilio Tridentino se tornou necessaria a publicação de outras edições, com a addição de muitas outras leis emanadas posteriormente.

Esta grande congerie de collecções canonicas traz consigo grandes difficuldades; no correr dos seculos foram sahindo muitas leis novas, não poucas cessaram por abrogação ou por desuso, algumas, pelas mudadas condições dos tempos, tornaram-se inapplicaveis ou menos uteis ao bem commum.

Depois das providencias tomadas por Pio IX e por Leão XIII mediante a constituição *Apostolicae Sedis* e a constituição *Conditae a Christo*, muitos Bispos e Cardeaes exprimiram o desejo de ver recolhidas em nova ordem todas as leis ecclesiasticas com as exclusões e modificações impostas pela diversidade dos tempos. Para realisar este vasto e difficil proposito Pio X emitta as seguintes disposições:

Constitue-se para esse fim uma commissão pontificia composta de cardeaes designados pelo pontifice. Presidente é o proprio Pontifice e na sua ausencia o cardeal decano.

Os cardeaes elegerão com approvação pontificia alguns consultores peritos nas sciencias theologicas e canonicas.

Todo o episcopado, segundo as normas que forem dadas, deve cooperar para esta grave empreza. Apenas elaborado o programma do trabalho, os consultores prepararão a materia e reunirão para emittir o proprio parecer, sob a presidencia do cardeal, que fôr destinado pelo Papa para secretario.

Os estudos e pareceres serão objecto de madura deliberação por parte dos cardeaes e deverão ser apresentados ao Pontifice para definitiva approvação.

Os membros da sociedade do elogio mutuo annunciaram a todos os ventos, ainda antes de publicado, um livro no seu dizer extraordinario, um romance escripto n'uma linguagem admiravel, em que se tratava magistralmente uma these não só nacional, mas universal, etc. etc.

Para que se não deixem illudir por tão alevantados encomios, e pelo estupendo titulo posto ao livro, que é nada menos, que uma profanação, devemos prevenir os leitores de que este livro é um acervo de infamias e torpe-

zas, indigno de entrar em casa de uma familia honesta. A linguagem, longe de admiravel, é abastardada e pretenciosa. A grande these é já hoje pratica vulgar entre a infima rale da sociedade: o desprezo do casamento, e a consagração da manecbia e do adulterio!

A' prevenção que ahi fica, devemos juntar o nosso protesto contra tão graves ultrajes á religião e á moral, já que a mal entendida *liberdade* faz da imprensa vasadouro de todas as monstruosidades.

Os Amigos do «Progresso Catholico»

Grangearam assignaturas novas para esta Revista os Ex.^{mos} Snr.^s

Benedicto José Augusto d'Avila (mais)	7
Padre Manoel d'Oliveira	2
D. Angelina de S. José da Fonseca Cunha Salgueiro	1
Manoel d'Almeida Fonseca	1
Jacinto d'Almeida Motta (mais).	2

A estes cavalheiros e senhora, verdadeiros benemeritos da imprensa catholica e nossos amigos, apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.

EXPEDIENTE

No fim d'este mez começamos a enviar para o correlo os saques das importancias das assignaturas em divida. Aquelles dos nossos presados assignantes que, a fim de evitarem despezas, quizerem mandar-nos antes o importe das suas assignaturas, prestam-nos com isso um favor que muito agradeceremos, e aquelles que não poderem pagar na presente occasião pedimos que nos avisem n'um postal.

—O brinde offercido aos snrs. assignantes que já têm pago ou paguem ainda a sua assignatura de 1\$000 reis até ao dia 30 de abril proximo é o livro — «A Alma no Calvario», do Padre Braudand, tendo perto de 400 paginas, e sendo approvado e indulgenciado pelo Rev.^{mo} Bispo do Porto, terminando este prazo ficam sem direlto ao brinde.

—Qualquer reclamação dos snrs. assignantes dirigida á administração deverá sempre vir acompanhada do n.º da respectiva cinta.

—Pedimos encarecidamente ás pessoas a quem temos enviado o nosso jornal pela primeira vez, que no caso em que não nos queiram honrar com o precioso auxilio da sua assignatura, nol o devolvam o mais breve possivel a fim de nos evitarem despezas.

—Lembramos tambem que o pagamento das assignaturas é adeantado, conforme o indicam as suas condições, por isso pedimos encarecidamente que o façam desde já.

Progresso Catholico

o n.º 1 do corrente anno

Com a propaganda que temos feito esgotara-se o n.º 1 do presente anno. Pedimos, pois, aos snrs. assignantes que não collecionem a nossa revista, que nol'os remetam, mesmo sem a folha junta da «Vida de S. José», que nós, além de agradecermos muito, retribuirmos condignamente o seu valor.

O MEZ DE MAIO

CONSAGRADO Á

Santissima Virgem Mãe de Deus

Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.º Sr. **Conde de Samodães**, com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello. Com permissão e approvação do Em.º Sr. Cardeal Bispo do Porto.

1 vol., enc. 400 reis

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

Padre Affonso Muzzarelli

COM

PIEDOSOS E LINDOS COLLOQUIOS COM A SS. VIRGEM
PARA TODOS OS DIAS E TOCANTES EXEMPLOS

EXTRAHIDOS

*Das obras de Santo Affonso Maria de Ligorio
e de outros bons auctores*

Com permissão do Ex.º e Rev.º Sr. Cardeal
D. AMÉRICO, Bispo do Porto

QUINTA EDIÇÃO

Preço: Broch. 400 reis. Enc. 460.

A ALMA

NO

CALVÁRIO

CONSIDERANDO

*Os soffrimentos de Jesus Christo e achando
ao pé da Cruz a consolação para as suas penas*

COM

ORAÇÕES, PRATICAS E HISTORIAS SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS

PELO

P. BRAUDAND, S. J.

TRADUZIDA DO FRANCEZ

POR

A. L. F.

Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio,
Bispo do Porto

Um volume de perto de 400 pag. 300 reis
Encadernado 500 »

A' venda na Livraria de Antonio José Fernandes—44, Largo dos Luyos, 43—e na Typographia Fonseca—Rua da Picaria, 74—Porto.

A respeito d'este importante livro, escreveu o jornal *A Palavra*, o seguinte:

«Está em uso chamar-se precioso a qualquer livro que veja a luz da publicidade. E' um favor, que custa pouco, feito ao auctor, e uma maneira de captar as boas graças dos editores, que nem sempre se contentam se se qualifica o livro que editam com menos de meia duzia d'adjectivos encomiasticos. Este de que nos occupamos, porque o auctor é estrangeiro e o editor desconhecido, livra-nos do incommodo do bilhete de visita, agradecendo o favor da apreciação.

Mas, porque conhecemos o livro ha muitos annos, e algumas das folhas do exemplar, que possuímos, já estão poidas pelo uso que lhe

temos dado, é dever, e dever grato, dizer que *A Alma no Calvario* é, em verdade, um livro precioso, preciosissimo, que merece ser aproveitado pelas pessoas piedosas para as suas meditações, que as tem magnificas, e para adquirir conhecimentos indispensaveis para a vida pratica, que os fornece abundantemente e d'oiro de boa lei

Mestres experimentados da vida espiritual o aconselham para uso das almas que dirigem. Um d'estes, que era dos mais seguros e dos mais sabedores,—o nunca assás pranteado dr. Meirelles, S. J.—o indicava com encarecimento ás almas devotas. No Porto ha muitas pessoas que o possuem e que, por certo, o tem manuseado, tirando muito proveito da sua leitura.

Publical o em linguagem vernacula, para o pôr ao alcance d'aquelles que desconheçam a lingua em que elle foi escripto, foi um relevante serviço prestado aos fieis.

A traducção está bem feita, prima pela clareza, o que é indispensavel em obras d'esta natureza, e está expurgada de gallicismos, coisa rara em traducções.

Além d'isso, como a obra se destina a propaganda, o preço é minutissimo: 300 reis apenas.

A's pessoas piedosas, que queiram possuir um livrinho de valor real, recommendamos que adquiram *A Alma no Calvario*. Depois de o lêrem e meditarem, estamos certos que nos agradecerão esta recommendação.

O nosso venerando Prelado tão bom achou o livro—e isto bastaria para o recommendar—que concede quarenta dias d'indulgencia por cada meditação ou leitura d'um capitulo.»

IMITAÇÃO DE CRISTO

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada
com notas por*

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr.

D. ANTONO, BSPO DO PORTO

Preços:

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas douradas.	500 »
Em chagrín, douradas	1500 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.

PEDRO SCAVINI

Theologia Moral Universal

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*—revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 25000 reis.

Continua aberta a assignatura por cardenetas ou volumes.

Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida—Rua Grão-Vasco—Vizeu.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de Jamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.